

ARTIGOS CIENTÍFICOS E TRANSINFORMAÇÃO: pré-requisitos para publicação

Dinah Aguiar Población *
PUCCAMP/ECA-USP

RESUMO

POBLACIÓN, Dinah A. Artigos científicos e Transinformação: pré-requisitos para publicação. **Trans-in-formação**, Campinas, PUCCAMP, 1(1): 51-64, JAN./ABR. 1989.

A produção de artigos científicos por autores - jovens que ingressam na carreira de pesquisador ou profissionais mais experimentados - está diretamente relacionada com a capacidade de geração de conhecimentos. O sucesso do processo de comunicação poderá ser garantido pela valorização dos canais informais utilizados na fase de pré-publicação e pelos processos de interação entre os pesquisadores. Da mesma forma são apresentadas as normas editoriais aceitas pela comunidade científica para apresentação de artigos e para a produção de periódicos técnico-científicos brasileiros.

UNITERMOS:

Produção científica, Normalização.

INTRODUÇÃO

A considerável apreensão da comunidade científica com a "crise da informação" leva-nos a refletir sobre o papel da comunicação entre produtores e consumidores da informação.

Há mais de 320 anos os pesquisadores consideravam, como enorme sobrecarga, a atualização dos conhecimentos através da comunicação oral e da correspondência com os colegas. Essa constatação criou condições para a formalização da comunicação informal propiciando assim, o nascimento dos documentos científicos. Consequentemente para divulgá-los surgiu a publicação periódica, sendo que a primeira iniciou-se em Paris em 5 de janeiro de 1665, com o título de **Journal des Scavans**.

Embora nestas últimas décadas, o emprego de novas tecnologias apresentem formas alternativas para a divulgação das diversificadas atividades de pesquisa, no entanto, ainda hoje é o artigo de periódico que se destaca visivelmente entre os vários tipos de comunicação científica. No final da década de 70, GARVEY (14; p.7) mostrava a evolução dos meios de disseminação da informação e, baseando-se nos estudos realizados por MENARD em 1971 (21), destacou os três tipos de fontes mais utilizadas para divulgar e recuperar informação: os **artigos de periódicos**, que aumentam

em proporção geométrica a cada 50 anos, desde 1750; os **"abstracts"** a partir de 1860, na mesma proporção a cada 30 anos, época em que eram publicados aproximadamente 300 periódicos científicos; e a **indexação computadorizada** crescendo desde 1949, em proporção semelhante a cada 10 anos.

Esse incrível esforço que caracteriza a dinâmica da comunidade científica, deve também ser compartilhado pelos profissionais da área de informação. Eis porque, não só os bibliotecários/docentes - membros da comunidade acadêmica - devem contribuir para consolidar a análise e interpretação desses avanços, mas principalmente os profissionais que atuam no competitivo mercado de trabalho.

O estudo científico, da natureza das atividades executadas no dia-a-dia pelos profissionais da informação, embora relevante é recente no Brasil. Eis porque a tendência para descrever os fenômenos que tem sido observados, por estudiosos da ciência da informação, nas bibliotecas e centros de documentação - desde que sejam considerados como "novas descobertas" - devem ser estimulados através de artigos ou comunicados em eventos. É necessário que fique patente o reconhecimento das contribuições válidas que devem ser incorporadas ao corpo de conhecimento da área de informação. Da mesma forma a expectativa é de que essas investigações possam ser conduzidas de modo científico e trilhar a sequência das etapas do fluxo de informação. Assim, o "criador da idéia", só alcançará a credibilidade científica, se os seus resultados forem aceitos e criarem o impacto desejável na comunidade. Esse ponto crucial já está começando a ser atingido pelos profissionais da área de informação. Tal fato promissor transparece por meio de atitudes adotadas e reconhece-se que assemelham-se àquelas por meio de atitudes já incorporadas ao comportamento dos investigadores das demais áreas do conhecimento.

Eis porque deve ser estimulada a integração dos profissionais das várias áreas, cujas atividades estejam relacionadas com a informação. Certamente resultará em experiências, que devam ser divulgadas de acordo com os padrões científicos. No entanto, convém refletir sobre as motivações que os levariam a adotar tais atitudes; quais as ações que mereçam ser priorizadas com investigações mais assíduas; qual o tipo de comunidade que deve ser atingida com essas pesquisas e principalmente uma profunda reflexão sobre os canais de comunicação mais adequados. Essa preocupação é necessária para garantir o "feed-back" imprescindível ao autor.

Com essas preocupações os docentes do Curso de Pós-Graduação em Biblioteconomia da PUCCAMP sentiram a necessidade de abrir novos caminhos e criar um canal transdisciplinar. O público alvo de TRANS-INFORMAÇÃO está definido: estudiosos e pesquisadores que têm interesse na informação como fator de produção, operador de ações nas áreas de Biblioteconomia, Comunicação, Jornalismo, Editoração, Administração, Com-

putação, Psicologia, Sociologia, Educação, Linguística entre outras.

Assim, os autores - jovens que ingressam na carreira de pesquisadores ou profissionais mais experimentados - dispõem de um novo veículo, que objetiva divulgar a produção daqueles que investigam e analisam os fenômenos que ocorrem em todos os campos do conhecimento, nos seus aspectos relacionados com a informação.

Aos profissionais que desejam se manter atualizados é oferecida uma publicação periódica que lhes proporciona uma dupla solução: seleciona a literatura interdisciplinar com a informação relevante relacionada aos seus interesses, para poderem informar-se e, induz a utilização dos processos informais e de mecanismos adequados para a assimilação e síntese, os quais lhes propiciarão um comportamento crítico para transformar através da TRANS-IN-FORMAÇÃO.

Considerando-se os diferentes estágios de experiência, em que se encontram os consumidores e produtores da informação, constata-se que muito do que é publicado deve ser filtrado para garantir a qualidade. Para os jovens pesquisadores que desejam integrar as redes de permuta de informações, sugere-se que na revisão de fatos e de conceitos procurem fazer reflexões de ordem filosófica sobre a realidade social, não perdendo de vista os problemas da comunidade. É necessário adequar a realidade à satisfação dos usuários reais ou potenciais do sistema, avaliar o volume de produção, fluxo utilizado pelos produtores dos canais informais de comunicação, os tipos de documentos formais gerados, as opções administrativas e técnicas de armazenagem pelos processos manuais e automatizados, bem como a eficiência e a eficácia dos instrumentos de disseminação de informação.

Com essas percepções procura-se atingir não somente os profissionais que atuam aplicando conhecimentos teóricos e fazem inovações na administração de serviços, mas principalmente aqueles que conduzem pesquisas, aos que atuam na área de ensino, quer em instituições públicas ou privadas, produzindo conhecimento científico-tecnológico com vista a torná-lo força produtiva nas várias áreas.

FASE DA PRÉ-PUBLICAÇÃO E DOS COLÉGIOS INVISÍVEIS

O sistema de conhecimento está relacionado diretamente com o próprio processo de produção e, justamente essa capacidade de gerar, constitui a maior força para expandir a base cognitiva das '**novas ciências**' intrinsecamente relacionadas com a '**informação**' e conseqüentemente com "**transformações**."

Muitos autores usualmente selecionam os canais adequados considerados como mais eficientes para maximizar a disseminação da informação contida no seu trabalho. No entanto, outros desconhecem as etapas de planejamento que antecedem a publicação de um artigo. É bom lembrar que é

conveniente produzir artigos, a partir dos resultados alcançados provenientes da **descoberta científica**. No entanto, a publicação deve ser precedida da fase de pré-publicação. Na prática, esse processo de produção configura-se quando um trabalho está considerado **terminado** ou quando uma pesquisa chega a **algum resultado**. Assim, o investigador entra em um processo de ansiedade para ver o seu trabalho publicado e, esquece-se que o original poderá não ser aceito pelos editores de um determinado periódico se não se ajustar à linha editorial, às normas e aos padrões de qualidade, os quais são garantidos pelo filtro proporcionado pelo nível do corpo editorial.

Para que o autor possa superar essas barreiras, ele deve não só estar inserido no contínuo fluxo de informação, mas manter-se em estado de alerta, percorrendo todas as etapas previstas para depuração das prováveis informações irrelevantes. Essa fase de avaliação ocorre antes da publicação e normalmente efetiva-se durante o processo de comunicação informal, em geral por ocasião dos eventos, através dos contatos com colegas e com outros profissionais.

Esse grupo social certamente fará o controle sobre o produto apresentado como **inovação ou novas descobertas**. Assim, permitirá que sejam avaliadas as informações lógicas e pertinentes, visando contribuir para a formulação de novos conceitos ou teorização. A integração de dados conceituais extraídos da literatura, além da observação empírica proporcionada pelas atividades do dia-a-dia, certamente demanda um longo período de elaboração. É isso que garantirá a qualidade da contribuição a ser submetida ao espírito crítico da comunidade. Consequentemente o grupo social interessado nas formulações advindas das experiências bem sucedidas, terá oportunidade de compreender, verificar, aproveitar, reproduzir ou ampliar as informações, desde que elas sejam apresentadas de acordo com os padrões exigidos pelo canal de comunicação. Considerando-se a comunicação informal como uma das etapas da pré-publicação, onde as contribuições são reformuladas ou aprimoradas através do processo de interação com seus pares, é desejável que essa etapa seja vencida antes que o autor transforme a contribuição em documento a ser submetido à comunicação formal, isto é, em artigo de periódico. Essas preocupações são descritas por GARVEY e col. (15; p.205) como resultado de pesquisa realizada com 12.000 cientistas que relataram suas experiências, como autores de artigos, desde a fase inicial do trabalho até a publicação. Nessa população foi encontrado um grupo correspondente a 10% de autores que iniciaram o seu trabalho 5 anos antes da publicação, porém a média de autores utiliza 28 meses, dos quais 13 meses são aplicados para completar o trabalho e 15 meses correspondem ao período em que os resultados são interpretados e discutidos informalmente com grupos de colegas interessados nos mesmos problemas. Os autores experimentados, que estão familiarizados com pesquisas, segundo GARVEY e col. (15; p.206) dispendem aproximadamente 2 meses e meio

para **completar** o trabalho, isto é, submeter os resultados ao grupo de especialistas; 5 meses para preparar o original e geralmente devem aguardar 7 a 8 meses para a publicação em algum periódico, conforme o aval fornecido pelo corpo editorial (referees).

Esses procedimentos, peculiares a comunidade que valorizam os padrões de comunicação científica, devem ser considerados pelos pesquisadores. Ainda hoje, para atingir o **status** de autor, necessita-se de um tempo adequado para a fase da comunicação informal caracterizada pela pré-publicação (discussão com colegas **pré-prints**) apresentação em colóquios ou eventos (comunicações) consolidação em relatórios técnicos ou científicos, defesas de dissertações ou teses e outras formas não convencionais. Essa fase considerada como pré-requisito é confirmada ao longo dos anos como essencial e reconhecida pelos pesquisadores desde o século XVII - era que foi caracterizada como o Século de Ouro - intercâmbio de informações entre os cientistas ampliava-se e evoluiu para a fase formal, culminando com a criação do periódico científico.

Assim, a transformação da pré-publicação em documento formal (artigo de periódico) está na dependência de algumas variáveis. Existem peculiaridades de acordo com as características das áreas do conhecimento (humanas, biológicas ou exatas) e dependem principalmente do nível de experiência do autor e do grau de prestígio que ele goza entre seus pares. A participação nos "**colégios invisíveis**" de acordo com os conceitos reintroduzidos em 1963 por PRICE (26), garantem um "**status**" aos participantes, que obtêm informações "**quentes**" além de estarem assegurando a alguns autores a formalização de documentos para cumprir com a exigência acadêmica do "**publish or perish**". Enquanto que as comunicações do domínio informal, nem sempre são transformadas pelos autores em publicações formais. Percebe-se, no entanto, que os iniciantes não se expõem ao crivo dos "**referees**" ou avaliadores e por isso pretendem garantir apenas a existência, atuando dentro dos padrões rotineiros, procurando não arriscar-se a "**publish and perish**".

Par transformar esse "**status quo**" evidencia-se a importância da participação dos profissionais em eventos e em grupos de trabalho, na assiduidade aos cursos de especialização objetivando a educação continuada e principalmente aos cursos de pós-graduação em "**stricto sensu**". Esses mecanismos reforçarão e ampliarão os "**colégios invisíveis**", pois, como LYON (20; p.49) adverte, eles não devem ser caracterizados como forças sinistras mas sim como um amplo grupo de especialistas que atua com a participação de líderes e de "**gatekeepers**".

FASE DA PUBLICAÇÃO

Para garantir a eficácia dos resultados é necessário desenvolver in-

investigação **pari passu** com a participação da comunidade interessada. Assim, evita-se a deficiência de comunicação entre gerador ou transmissor e o usuário como receptor.

O domínio da filosofia, da sociologia, da psicologia e de outras áreas correlatas, além das técnicas que garantem o fortalecimento do fluxo de informação, tão enfatizado por ARAÚJO (3), constituem as razões necessárias, embora não sejam suficientes para permitir a melhoria da qualidade de assimilação e para facilitar a evolução dos processos de consumo da informação.

Assim, os autores quer como produtores, interessados na divulgação do seu produto final, quer como consumidores importantes de uma enorme quantidade de informação - que permitirá a retroalimentação de novas investigações - deverão obter consenso na escolha do canal de divulgação o qual deve caracterizar-se por uma maturidade suficiente para resolver os desafios que se lhe apresentam.

No último decênio, o **Scientific Information Committee of the Royal Society** da Inglaterra vem estudando a razão da função de novas revistas científicas. Os resultados apresentados por ROWLAND (29) mostram que a maior razão para a criação de um novo veículo é a falta de um canal de divulgação rápida para a matéria especializada. Note-se que as pressões são exercidas pelos autores e não pelos leitores. No entanto, em revisão publicada por KRONIK (17), apesar do depoimento de consideráveis autores sobre os problemas de custo, na aquisição de periódicos, dos efeitos do empréstimo entre bibliotecas, dos direitos autorais e da visão futurista do período impresso pelo sistema eletrônico foi comentado também o expressivo "Índice de 87% dos artigos publicados em periódicos técnicos e científicos técnicos não serem lidos e que muito poucos artigos técnicos publicados em periódicos técnicos são lidos mesmo pelos cientistas - a não ser pelo próprio autor, pelos co-autores e seus amigos mais íntimos, além dos alunos do autor-docente" (p.267).

Isso nos leva a alertar os produtores e consumidores da informação sobre as características das publicações periódicas (4,5) e sobre o valor do instrumento fundamental da normalização (1). Com essas precauções é justificável o investimento de tempo e de recursos aplicados na pesquisa e na elaboração do **original** a ser submetido à publicação. A indisponibilidade desses elementos pode configurar como uma limitação na dimensão dos vários processos: produção, armazenamento, recuperação e disseminação.

PRODUÇÃO DO PERIÓDICO: normas editoriais

O período como parte integrante do circuito previsto pela UNISIST (35) e inserido no sistema de comunicação da informação tem sido de-

finido na vasta literatura (2, 6, 7, 11, 16) como sendo a publicação editada a intervalos regulares, por tempo indeterminado. Essa definição pressupõe que o editor do periódico determine a estrutura de publicação (7, 33, 34, 35) a sua periodicidade e que programe o volume em fascículos ou números com uma paginação contínua. Com paginação numerada separadamente do conteúdo propriamente dito encontra-se: capa, anúncios, prefácios, folha de rosto, se houver, e os índices dos fascículos.

As principais seções das publicações periódicas, conforme "**Normas para editoração de periódicos técnicos e científicos**" (7), apresenta-se de um modo geral com o seguinte arranjo:

- 1) editorial;
- 2) artigos originais;
- 3) artigos de atualização ou revisão;
- 4) notas e comunicações;
- 5) resumos bibliográficos, resenhas;
- 6) índices de autor e assunto.

Recomenda-se que cada fascículo ou número apresente as fichas Catalográficas de cada artigo, picotadas e destacáveis, para facilitar o arquivo pessoal dos consumidores de informação.

A capa deve trazer os elementos obrigatórios de identificação: além do título (de preferência específico) é obrigatório incluir o número do volume, do fascículo, data, menção sobre o índice do volume ou índice cumulado e a abreviatura do título do periódico, além do ISSN (Internacional Standard Serial Number).

Embora na prática esses critérios sejam adotados de acordo com o bem senso, no entanto, existem normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas* que podem ser consultadas:

- NBR 6021 - Apresentação de publicações periódicas - Procedimento. (Antiga NB-61/78 ainda em vigência).
- NBR 6024 - Numeração progressiva das seções de um documento - Procedimento. Publicada em 1980 (Corresponde à antiga NB-6978).

As normas * recomendam para os editores:

1. **Formato:** que sejam normalizados em uma das dimensões:

21 cm x 28 cm: 16 cm x 23 cm ou 18 cm x 27 cm.

Embora a ABNT recomende o formato A4 (21 x 29,7 cm) os técnicos argumentam contra a perda no corte do papel com 1,7 cm a mais.

* A coletânea de Normas da ABNT deverá ser publicada em fevereiro de 1989 substituindo as Normas Brasileiras publicadas em 1978 pelas NBRs, das quais algumas foram publicadas em 1980, de acordo com a aprovação recebida mediante a votação dos sócios da ABNT.

Deve ser evitada a mudança no formato do periódico e em caso de absoluta necessidade, isso deverá ocorrer somente no início do novo volume.

2. Composição gráfica do conteúdo: o texto deve ser composto em duas colunas e as referências bibliográficas acompanharão a mesma disposição em coluna, com a composição corpo 8.

As referências bibliográficas deverão apresentar uniformidade de acordo com as normas adotadas em cada área da especialidade, no entanto, recomenda-se a ABNT (atual NB-66/1978 e futura NBR-6023).

Os artigos devem ser publicados na íntegra, isto é, evitando-se a fragmentação. Isso ocorrerá se o autor apresentar o original em partes, devendo nesse caso serem idênticas no título dos próprios artigos, podendo variar o subtítulo.

A legenda bibliográfica é impressa na página inicial do artigo de modo simplificado: título da revista abreviado, volume, páginas do artigo e ano. A referência bibliográfica completa do artigo aparecerá na parte superior de cada página.

O **Índice**, termo defendido por BECKER (9;p.271) embora denominado de **Sumário**, conforme norma da ABNT (NB-85/1978 e 6027 publicada em 1980) revista em julho de 1986, diferencia-se do - **Índice de publicações** - Procedimentos. Enfim essa "relação por menorizada de títulos com a indicação do número das páginas respectivas" (9;p.278) será impressa em português/inglês, páginas subsequentes. Pode-se optar para registrar essas informações bilingües, apresentando separadamente cada relação em um idioma.

APRESENTAÇÃO DO ARTIGO CIENTÍFICO

As reflexões apresentadas por um número representativo de autores e relatores, ou "**referees**" de publicações científicas, conforme firma CASTRO (10;p. VIII) levou-o a apresentar uma publicação com o objetivo de discutir várias técnicas e procedimentos para elaboração de trabalhos científicos onde "a originalidade não está na forma mas sim no conteúdo" (p.1). É importante que o autor saiba que vai apresentar um discurso científico e como tal deve atingir uma audiência de pessoas inteligentes.

Assim, procurou-se condensar a orientação para redigir o original de um artigo, que inicialmente foi apresentado como pré-publicação, nas várias modalidades da comunicação informal abordada anteriormente, visto que é

um tema que interessa a toda comunidade de produtores da informação. Por isso justifica-se selecionar alguns textos da extensa bibliografia sobre o assunto (8, 10, 12, 13, 18, 19, 22, 23, 25, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37).

Neste contexto, entende-se que o autor, ao transformar a pré-publicação em artigo, deverá redigir o original de acordo com as normas editoriais do periódico onde deseja publicar. Embora ocorram pequenas variações, normalmente o artigo científico apresenta a seguinte estrutura: preliminares, textos, material de referência.

Entende-se por **preliminares**: o cabeçalho composto do título do trabalho, o nome do autor e dos co-autores no caso de documento elaborado em colaboração, acompanhados da identificação dos mesmos e do nome e endereço da (s) instituição (ões) a que estarão vinculado (s). Essa identificação é colocada na primeira lauda do original.

O **texto**, propriamente dito, de acordo com a forma usual apresenta a introdução, desenvolvimento do tema (com as subdivisões a critério do autor) e conclusões. Nos trabalhos de pesquisa devem ser destacados: Método, Resultados e Discussão antes das conclusões. As notas devem ser colocadas em rodapé e indicadas no texto com asterístico logo após a palavra ou frase a que dizem respeito. As laudas são numeradas no canto superior direito.

No **material de referência** incluem-se os resumos em português e em inglês e os unitermos, palavras chave ou descritores; as referências bibliográficas e os agradecimentos. Essas informações são datilografadas em laudas separadas numeradas consecutivamente após a conclusão do texto.

O original poderá ser acompanhado de apêndices, materiais ilustrativos como fotografias, tabelas, quadros, gráficos, desenhos e outros. No caso de serem extraídos de outros documentos deverão ser acompanhados da indicação da fonte e da autorização para reprodução. Esse material deverá ser apresentado em laudas separadas com paginação sequencial ao material de referência. Assinalar no texto o local e o número de ordem das ilustrações.

Além dessas considerações gerais que são detalhadas em cada periódico, tanto os autores como os leitores devem conhecer alguns parâmetros, que são usados a nível internacional, para avaliar as publicações periódicas científicas (4, 5, 24). Aos editores recomenda-se que estejam alerta aos critérios estabelecidos pela FAPESP para avaliar os periódicos técnico-científicos nacionais com a finalidade de estabelecer parâmetros visando concessão de auxílios financeiros.

TRANS-IN-FORMAÇÃO

Os esforços que estão sendo dispendidos pela PUCCAMP para oferecer aos estudiosos e pesquisadores, um periódico de alto nível precisam

ser compensados - desde que se acredite - contrariando diversos comentários pessimistas - pois, ainda existem periódicos que são inteiramente lidos porque respondem a pressões sociais e intelectuais.

Tanto isso é verdade que TRANS-IN-FORMAÇÃO constitui um corpo editorial composto por 4 docentes, um ex-aluno e um aluno do Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em Biblioteconomia da PUCCAMP e seis membros atuando em outras Universidades ou instituições da área ou de áreas conexas. Além desses avaliadores, que são renovados a cada três anos, o Corpo Editorial contará com especialistas que funcionarão como consultores para assuntos das áreas afins.

De acordo com o Estatuto* de TRANS-IN-FORMAÇÃO as contribuições devem seguir as Normas Editoriais e de Apresentação de Trabalhos (Anexos 1 e 2) e enviadas em um dos idiomas - português, inglês, francês ou espanhol. Deverão enquadrar-se em uma das seguintes categorias:

- **Temas em Debate** - Assuntos polêmicos para os quais a diretoria convidará de 3 a 5 especialistas da área para apresentarem seus pontos de vista; o tema de cada número será definido pelo Conselho Editorial (até 15 laudas por texto);
- **Artigos** - Reflexões teóricas e relatos de pesquisa (até 25 laudas);
- **Comunicações de pesquisa** - Informações sucintas de pesquisas realizadas e ainda não publicadas (1 lauda);
- **Informações sobre pesquisa em andamento** - Informações sucintas sobre pesquisas em andamento (1 lauda);
- **Resenhas** - Apresentação e análise de livros e/ou artigos publicados nas áreas de abrangência (até 5 laudas);
- **Registro** - Informações sobre eventos; e
- **Correspondência** - Relativa à revista e a trabalhos nela publicados que o Conselho Editorial julgue relevante publicar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALMEIDA, H.S. A normalização da viabilização tecnológica. **Rev. ABNT**, 2 (2):5, 1988.
2. ANGLO-AMERICAN cataloguing rules. 2.ed. Ed. by Michael Goman and Paul W. Winkler. Chicago, ALA, 1978. 620p.
3. ARAUJO, V.M.R.H. Estudo dos canais de comunicação técnica: seu papel na transferência de tecnologia e na inovação tecnológica. **Ci. Inf.**, Rio de Janeiro, 8 (2):79-100. 1979.
4. ARENDES, T. El problema de las revistas científicas y técnicas latinoamericanas. **Acta Cient. Venezolana**, 15:51-93 1964.

* Publicado no volume 1 n.1 Correspondente a jan/abril de 1989.

5. ———. Las revistas latinoamericanas. Diagnóstico de la situación y proposiciones para mejorarlas. **Invest.Clin.**, 17 (1): 1-17, 1976.
6. ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE BIBLIOTECÁRIOS. Grupo de Bibliotecários Biomédicos. **Normas para catalogação de publicações seriadas.** São Paulo, Polígono, 1972.
7. ———. Grupo de Bibliotecários Biomédicos. **Normas para editoração de periódicos técnicos e científicos.** São Paulo, 1972. 26p.
8. AVENDAÑO INESTRILLAS, J. **Redacción y edición de publicaciones medicas: lista de referências bibliográficas.** México, La Prensa Médica Mexicana, 1961. 7p.
9. BECKER, I. **Nomenclatura biomédica no idioma português do Brasil: contribuição ao seu estudo lingüístico e ao estabelecimento de normas.** São Paulo, Livr. Nobel, 1968. 361p.
10. CASTRO, C.M. **Estrutura e apresentação de publicações científicas.** São Paulo, McGraw-Hill, 1976. 70p.
11. CÓDIGO de catalogação anglo-americana. 2.ed. São Paulo, FEBAB, 1983-85. 2v.
12. DAVIDSON, H.A. **Guide to medical writing.** New York, Ronald Press, 1957. 338p.
13. FISHBEIN, M. **Medical writing: the technic and the art.** 3.ed. New York, Blankiston, 1957, 262p.
14. GARVEY, W.D. **Communication: the essence of science.** Oxford, Pergamon Press, 1979. 332p.
15. GARVEY, W.D.; LIN, D. & TOMITA, K. Research studies in patterns of scientific communications: III, Information - exchange processes associated with the production of journal articles. In GARVEY, W.D: **Communication: the essence of science.** Oxford, Pergamon Press, 1979, p.202-24.
16. ISBD(S) International standard bibliographic description for serials. 1.standard ed. London, IFLA International Office for UBC, 1977. 61p.
17. KRONICK, D.A. Scientific journal: a review article. **Libr. Quart.**, 52(3):265-69, 1982.
18. LANGE, O. Sugestões para os que desejarem publicar trabalhos. **Rev. Assoc. Med. Bras.**, 12(4):186-87, 1966.
19. LASSO DE LA VEGA, J. **Cómo se hace una tesis doctoral.** Madrid, Mayfe, 1958. 567p.
20. LYON, W.S. Scientometrics with some emphasis on communication at scientific meetings and through the "invisible college". **J. Chem. Inf. Comput. Sci.**, 26 (2): 47-52, 1986.
21. MENARD, H.W. Science: growth and changes. Cambridge, Haward University Press, 1971, apud GRAVEY, W.D. **Communications: the essence of science.** Oxford, Pergamon Press, 1979. 332p.
22. MORETTI FILHO, J. **Redação de dissertação e teses.** Piracicaba, ESALQ/USP, 1982, 67p.
23. MORRIS, J.E. **Principles of scientific and technical writing.** New York, MC Graw-Hill, 1966. 280p.
24. PIEGAS, M.H.A. & POBLACION, D.A. Critério de avaliação e análise das publicações periódicas brasileiras na área da saúde. In: ASSEMBLÉIA PERMANENTE DA FEBAB, 4, São Paulo, 2 a 18 de agosto de 1978, Anais. v.1., p.171-82.
25. PIOVESAN, A. Da necessidade das escolas de saúde pública elaborarem métodos simplificados de investigação social. São Paulo, 1968. Tese de Doutorado, Faculdade de Saúde Pública da USP.
26. PRICE, D.S. **Little science.** New York, Columbia University Press, 1963.
27. REIS, J. Preparo de artigos técnicos. **Adm.Públ.**, São Paulo, 2(1/2):48-84, 1944.
28. REY, L. **Como redigir trabalhos científicos.** São Paulo, Polígono EDUST, 1972.
29. ROWLAND, J.F.B. Why are new journals founded? **J. Doc.** 37 (1): 36-40, 1981.
30. SEVERINO, A.J. **Meteorologia do trabalho científico.** São Paulo, Cortez e Moraes, Rondon House, 1969.
31. SIMON, J. **Basic research methods science: investigation,** New York, Rondon House, 1969.

32. TURABIAN, K. **A manual for writers**. 3.ed. Chicago, University of Chicago Press, 1967.
33. UNESCO. Código de boa prática em matéria de publicações científicas. Traduzido por Zeferino Ferreira Pulo. **Garcia de Oria**, Lisboa, 12(1):177-81, 1964.
- 34.* _____ **Guia para a redação de artigos científicos destinados à publicação**. Traduzido por Lucy Gonçalves Fontes. Belo Horizonte, Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1969. 19p.
35. _____ **Guidelines for editors of scientific and technical journals**. Paris, May, 1979. 36p.
36. VERA, A. **Metodologia da pesquisa científica**. Porto Alegre, Globo, 1973.
37. VIVIAN, M.G. **A arte de redigir**. 2.ed. Porto Alegre, Figurinhas, 1951. 237p.

*Foi publicação em 1987 pelo IBICT, uma tradução com adaptações da segunda edição, revista e adaptada por Anders Martinson.

ANEXO 1

NORMAS EDITORIAIS DE TRANSINFORMAÇÃO

1. Serão aceitos originais considerados inéditos para publicação, embora tenham sido submetidos a processos considerados de domínio informal (Congresso, Seminários e similares), caso em que a referência ao evento deve constar em nota de rodapé.

2. Serão aceitos textos em português, espanhol, inglês ou francês, que se enquadrem em uma das sessões da revista (os) autor (es) devem indicar (em) a sessão, desde que aprovados por membros do corpo editorial.

3. Para publicação o artigo deverá ter a aprovação de, pelo menos, dois avaliadores, os quais emitirão parecer às cegas, isto é, sem conhecimento do nome (s) do (s) autor (es) ou da instituição a que está vinculado. Somente o diretor saberá o nome dos avaliadores.

4. Os artigos poderão ser aceitos sem restrições, com pequenas mudanças, com grandes alterações, ou rejeitados. Quando as alterações forem poucas e tratarem de aspectos formais, ou ainda com vistas apenas à manutenção da homogeneidade e da qualidade da publicação, a redação fará as mudanças necessárias, respeitando, todavia, o estilo e as opiniões dos autores. Nos demais casos o autor se encarregará da reformulação.

5. Os avaliadores terão prazo máximo de 30 dias para emissão de seus pareceres, cujas cópias anônimas serão enviadas aos autores.

6. A própria comissão editorial se encarregará da revisão das provas tipográficas.

7. O conteúdo dos trabalhos são da exclusiva responsabilidade de seus autores.

ANEXO 2

NORMAS PARA APRESENTAÇÃO DE TRABALHO

FORMATO:

Todas as colaborações devem ser datilografadas em papel branco, tamanho A4 (21 x 29,7 cm), com entrelinhamento duplo, com 30 linhas, observadas a ortografia oficial. A primeira página do original deverá conter: título do artigo, nome completo do autor e o nome e endereço da instituição a que está vinculado. As páginas serão numeradas consecutivamente no canto superior direito. Cada trabalho terá no máximo 25 laudas datilografadas.

RESUMO:

Deve ser incluído um resumo informativo, de aproximadamente 100 palavras, em português, acompanhado de sua tradução para o inglês, inclusive do título, datilografado com entrelinhamento duplo, na segunda página do original.

NOTA DE RODAPÉ:

Só é permitida na 1ª lauda e para indicar vínculo profissional, auxílios recebidos, apresentação em eventos e atribuição de créditos.

ILUSTRAÇÕES:

- 1) Fotografias, devem ser nítidas, em papel brilhante, preto e branco, tamanho máximo 9 x 14 cm.
- 2) Figuras, devem ser apresentadas em papel, em preto e branco, de preferência à Nankin, tamanho máximo 20 x 30 cm.
- 3) quadros e tabelas: devem ser acompanhados de título que permita compreender o significado dos dados reunidos.

Assinalar, no texto pelo número de ordem, o local de inclusão.

Para reimpressão de Fotografias, Figuras, Quadros e Tabelas extraídos de outros textos deve ser indicada a fonte de referência e anexada as autorizações da fonte e do autor.

ENCAMINHAMENTO:

Enviar à Secretaria da revista com carta em que conste a anuência para publicação; em caso de mais de um autor, todos devem assinar o documento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

As referências bibliográficas, redigidas segundo a norma NB-66/1978 (futura NBR-6025) da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), deverão ser numeradas no texto, segundo a ordem alfabética com que se apresenta no final do trabalho. A exatidão e adequação das referências a trabalhos que tenham sido consultados e mencionados no texto do artigo são da responsabilidade do autor. No artigo de Dinah Aguiar Población, publicado no número 1 da revista o autor encontra normas explicativas quanto ao aspecto aqui

focalizado. Separatas do referido artigo podem ser solicitadas à Secretaria da Revista mediante o pagamento de 0,5 OTN.

SUMMARY

POBLACIÓN, Dinah Aguiar. Scientific papers and Transinformação: pre-conditions to publications. **Trans-in-informação**, Campinas, PUCCAMP, 1(1): 51-64 jan./abr. 1989.

The author's production of scientific papers - young people that are initiating on the research career as well as professionals with great experience - is straightly related with capacity of knowledge geration. The sucess of the communication process will be warranted by value of international channels used in the pre issued phase and by interation processes of the researches. In the same way are introduct the publication guidelines accepted by scientific community for presentation of papers and production of Brazilian Technic-Scientific Journals.